

## Os desafios da qualificação profissional do jornalista diante da inteligência artificial nas redações

### The challenges of journalists' professional qualifications in the face of artificial intelligence in the newsrooms

DOI:10.34117/bjdv8n3-164

Recebimento dos originais: 14/02/2022

Aceitação para publicação: 12/03/2022

#### **Maria José Baldessar**

Doutora em Ciências da Comunicação  
Instituição: Universidade de São Paulo  
Endereço: Butanta, São Paulo - SP  
E-mail: mbaldessar@gmail.com

#### **Regina Zandomênic**

Doutoranda  
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina  
Endereço: R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis  
SC, CEP: 88040-900  
E-mail: rezandomenico@gmail.com

#### **RESUMO**

O surgimento dos primeiros jornais diários, no século 16, trouxe a figura do jornalista exercendo as funções de entrevistar pessoas, colher dados, redigir e editar notícias. No Jornalismo, essa rotina permaneceu exclusivamente sob o domínio humano até a primeira década deste século. O emprego de Inteligências Artificiais (IAs) que redigem notícias quebrou essa hegemonia. Por meio de uma pesquisa bibliográfica exploratória, buscou-se identificar de que maneira os jornalistas podem manter o protagonismo na produção jornalística como forma de conhecimento.

**Palavras-chave:** conhecimento, inteligência artificial, jornalistas, notícias

#### **ABSTRACT**

The appearance of the first daily newspapers, in the 16th century, brought the figure of the journalist exercising the functions of interviewing people, collecting data, writing and editing news. In Journalism, this routine remained exclusively under the human domain until the first decade of this century. The use of Artificial Intelligences (AIs) that write news broke this hegemony. By means of an exploratory bibliographic research, it was sought to identify the ways in which journalists can maintain their protagonism in journalistic production as a form of knowledge.

**Keywords:** knowledge, artificial intelligence, journalists, news

O surgimento de novas tecnologias, ao longo da história da humanidade, quase sempre vem acompanhado de previsões sobre as consequências que elas provocam no mercado de trabalho. No período em que vivemos, denominado de Quarta Revolução Industrial e também de Revolução Digital, a presença da Inteligência Artificial (IA) é marcante e executa tarefas que surpreenderiam os pesquisadores que fizeram, na década de 50, as pesquisas pioneiras da área. Em veículos de comunicação de 11 países, incluindo o Brasil, as IAs escrevem notícias, realidade que para Carlson (2014) é um dos períodos mais disruptivos do Jornalismo.

Há também empresas privadas especializadas na criação de programas para geração de linguagem natural (GNL). Entre as mais conhecidas estão as americanas Automated Insights e Narrative Science. Muitos veículos de comunicação e agências de notícias fazem parcerias com essas empresas, mas também há as que desenvolvem programas de GNL com equipes próprias. Nos Estados Unidos, por exemplo, o jornalista e programador Ken Schwencke é o criador do algoritmo Quakebot, para o Los Angeles Times, responsável por gerar notícias sobre terremotos com base em dados divulgados eletronicamente pelo Serviço Geológico do país. No Brasil, o site de notícias G1 utiliza uma Inteligência Artificial cuja criação contou com o apoio do setor de tecnologia da Globo.

As narrativas escritas por IAs precisam de banco de dados estruturados e são simples com repetição de estruturas textuais. No Jornalismo, os textos têm abordado desde previsões do tempo e número de homicídios de uma região até resultado de partidas esportivas e eleições. (TÚÑES-LÓPEZ, TOURAL-BRAN E NOGUEIRA, 2019, p.108). Diante do grande volume de dados da atualidade, conhecido como Big Data, uma das principais justificativas para o emprego da redação automatizada é a velocidade na qual os algoritmos analisam e sintetizam dados para transformá-los em texto. O fator tempo é crucial para o Jornalismo porque está diretamente ligado à veiculação da notícia em tempo real e fluxo contínuo, características do jornalismo na web. De acordo com Ford (2019), a IA Quill, criada pela Narrative Science, por exemplo, pode “gerar textos de negócios quase instantaneamente e apresentá-los de maneira contínua”.

A introdução de uma nova tecnologia nas redações como a Inteligência Artificial, na avaliação de Lindén (2018), pode trazer conflitos entre os que estão interessados no emprego delas e os que defendem que a redação noticiosa deve ser exclusividade dos jornalistas. Neste cenário, cabe salientar os estudos que definem o Jornalismo como uma forma de conhecimento e que levam em conta notícias e reportagens escritas por

humanos, os repórteres. No estudo pioneiro realizado, em 1940, o sociólogo americano Robert Park definiu que o conhecimento proporcionado pelo Jornalismo está situado entre o “conhecimento de” e o “conhecimento sobre”. O “conhecimento de” possui relação com às experiências práticas e conhecimento tácito, é intuitivo e não sistemático. Por sua vez, o “conhecimento sobre” é formal, sistemático e que “alcançou algum grau de exatidão e precisão”. (PARK, 1940, pg. 672).

No livro o “Segredo da Pirâmide”, Genro Filho (1987) define que o aspecto central do Jornalismo como conhecimento é “a apropriação do real pela via da singularidade, ou seja, pela reconstituição da integridade de sua dimensão fenomênica” (GENRO FILHO, 1987, pg. 53). Pouco mais de 10 anos depois, Meditsch (1998) destacou o diferencial do Jornalismo como único e original em relação ao ‘conhecimento sobre’ e ao ‘conhecimento de’. O pesquisador afirma que o “Jornalismo não revela mal, nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar” (Meditsch, 1998, pg. 22).

Nielsen (2017), por sua vez, atualiza o conceito de Park ao analisar as notícias no ambiente digital e afirmar que não geram apenas uma forma de conhecimento, mas várias. Uma das justificativas estaria centrada na característica multimídia do meio que viabiliza ao público, além do texto, outras alternativas de conteúdo, como vídeos, podcasts e infográficos interativos. O pesquisador chama atenção para o fato de que “a notícia hoje é provavelmente mais acessível, oportuna, detalhada e orientada por dados do que nunca” (NIELSEN, 2017, pg.4).

Diante do cenário no qual as Inteligências Artificiais escrevem notícias, os jornalistas estariam perdendo espaço no trabalho de viabilizar conhecimento por meio do Jornalismo? Oliveira (2016) pontua que uma IA ainda não tem capacidade de aprofundar as informações da notícia e transformá-la em uma reportagem, explorando a importância das relações que atualizam o fato. Outra desvantagem quando a tarefa é redigir notícias, é a incapacidade dos algoritmos de estarem presentes no local do fato e colherem informações que não são repassadas por fontes, mas observadas pelo repórter. A interpretação do contexto cultural, competência considerada por Lage (2006) como relevante para o trabalho de reportagem, também não pode ser realizada pelos algoritmos escritores. O autor registra que “o processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) (...). (LAGE, 2006. p. 9).

Por consequência, essas deficiências prejudicam a aquisição do conhecimento que o Jornalismo viabiliza.

A notícia é um breve relato de algo factual, enquanto na reportagem há a necessidade de um aprofundamento dando importância às relações que atualizam o fato. A reportagem necessita, no conceito de Lage (2006), planejamento e tem nas entrevistas com as fontes um grande subsídio para composição do produto final. Sendo assim, técnicas de apuração e pesquisa jornalística não acontecem quando uma IA escreve uma notícia. A redação automatizada também não participa da prática do jornalismo investigativo que “tem como função desvendar as causas, as origens de um acontecimento, sem nunca ficar limitado ao factual” (SEQUEIRA, 2005, pg.112).

O curso de Jornalismo da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos lançou, em 2016, o Guia do Jornalismo Automatizado. A publicação foi editada pelo Tow Center Journalism, instituto vinculado ao curso que estuda as mudanças e tendências do jornalismo diante da tecnologia. O autor do Guia do Jornalismo Automatizado, Graefe (2016), enfatiza que embora os algoritmos tenham condições de divulgar o que acontece, não têm capacidade de interpretar os motivos que provocaram o acontecimento e nem as consequências. Diante desta constatação, o pesquisador indica que os jornalistas devem se concentrar nas tarefas que os algoritmos não conseguem realizar como entrevistas e reportagens investigativas. Agindo dessa maneira, o conhecimento adquirido por meio do Jornalismo não seria prejudicado pela redação algorítmica.

O cientista da computação Kai-Fu Lee Google, ex-presidente da Google China, relata que, embora as IAs tenham superado os humanos em tarefas otimizadas em base de dados, a tecnologia ainda não consegue interagir naturalmente com humanos e nem ter pensamentos em domínios diferentes.

Se alguém aplicasse a abordagem baseada em tarefas para medir a automatizabilidade de um editor em um aplicativo de notícias, encontraria dezenas de tarefas que não podem ser executadas por máquinas. Elas não podem ler e entender notícias e artigos, avaliar subjetivamente a adequação para o público de um determinado aplicativo ou se comunicar com repórteres e editores. (LEE, 2019, pg.185)

O mais adequado para o futuro, enfatizam TÚÑES-LÓPEZ, TOURAL-BRAN e NOGUEIRA (2019), não é evitar as notícias automatizadas, mas explorar o que mais os algoritmos podem fazer pelo jornalismo. Beckett (2019) coordenou uma pesquisa da School London of Economics and Political Science que envolveu 71 empresas jornalísticas de 32 países sobre o emprego da IA. Na conclusão do pesquisador, as

Inteligências Artificiais não assumirão o jornalismo ficando restritas apenas às tarefas rotineiras. Caberá aos profissionais se capacitarem para que as IAs viabilizem oportunidades de descoberta e conexões. Beckett (2019) analisa que algoritmos irão alimentar os sistemas, mas que o julgamento do jornalista sempre fará diferença. Dentro deste cenário, o autor considera fundamental a capacitação algorítmica dos profissionais. Em outras palavras, isso significa que os profissionais da comunicação não devem temer a redação automatizada, desde que compreendam que há um universo muito mais amplo a ser explorado.

Por fim, é possível concluir que é imprescindível aos jornalistas a urgência da qualificação para compreender as capacidades de uma Inteligência Artificial. Sendo assim, poderão trabalhar em parceria com engenheiros e programadores na exploração dessa tecnologia no âmbito jornalístico. Além disso, também é relevante continuar se especializando em tarefas em que as IAs ainda são ineficientes, como a criação de pautas inéditas, as técnicas de entrevista e pesquisa jornalísticas, o olhar crítico e produção textual que não depende apenas de dados para acontecer.

## REFERÊNCIAS

BECKETT, Charlie. The Journalism AI Report. The London School of Economics and Political Science. 2019. Disponível em < <https://www.lse.ac.uk/media-and-communications/polis/JournalismAI/The-Report>> Acesso em 10 de março de 2021.

CARLSON, Matt. The robotic reporter: Automated journalism and the redefinition of labor, compositional forms, and journalistic authority. *Digital journalism*, [s.l], v. 3, n. 3, p. 416- 431, 2014

FORD, Martin. Os robôs e o futuro do emprego. Tradução Cláudia Gerpe Duarte. 1ª edição. Rio de Janeiro. Beste Business. 2019.

GENRO, Adelmo Filho. O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1989.

GRAEFE, Andreas. Automated Journalism Guide. Tow Center for Digital Journalism. Columbia's Graduate School of Journalism. Disponível em < [https://www.cjr.org/tow\\_center\\_reports/guide\\_to\\_automated\\_journalism.php](https://www.cjr.org/tow_center_reports/guide_to_automated_journalism.php). Acesso em 17 de junho de 2021.

LINDEN, Carl-Gustav. Algoritmos para o Jornalismo: o futuro para a produção de notícias. In Líbero. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero*. N. 41. 2018. Disponível em < <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/973>> Acesso em 10 de outubro de 2021.

LEE, Kai-Fu. Inteligência Artificial, como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamos, trabalhamos e vivemos. Tradução Marcelo Barbão. 1ª edição. Rio de Janeiro. Globo Livros. 2019.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. *Revista Brasileira de Ciência da Comunicação*, São Paulo, v. 21, n.1, p.25-38, jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/956>>

NIELSEN, Rasmus Kleis. Notícias Digitais como formas de conhecimento: um novo capítulo da Sociologia do Conhecimento. 2017. Tradução Marcia Beretti. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n 52. Disponível em < <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/96916>>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

PARK, Robert. News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge. *American Journal of Sociology*, Vol. 45, No. 5 .Mar. 1940, pg. 669-686 Disponível em < : <http://www.jstor.org/stable/2770043> >

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

TÚÑES-LÓPEZ, Miguel; TOURAL-BRAN, Carlos e NOGUEIRA, Ana . Criação de Notícias e Automação: Robotização na Era do Big Data. in *Big Data e Fake News na Sociedade do (des) conhecimento*. Toural, Carlos, Coronel, Gabriela e Ferrari, Pollyana (orgs). 1ª edição . Ria Editorial. Portugal. 2019.